

A PARTICIPAÇÃO DO PEDAGOGO NA EQUOTERAPIA

Maria Lúcia dos Anjos Ribeiro

Alessandro Campos Piantino

Eixo temático: Implementação das políticas de inclusão: práticas pedagógicas

Agência Financiadora: não contou com financiamento.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a importância participação do pedagogo em uma equipe interdisciplinar de equoterapia, estudando as possibilidades e recursos utilizados por profissionais atuantes nessa área de ensino e aprendizagem, e quais os benefícios proporcionados aos alunos pelo método. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pedagogos atuantes nos centros de capacitação Associação Brasileira de Equoterapia e no Regimento de Polícia Montada do Distrito Federal, com o objetivo de demonstrar a importância do pedagogo na equoterapia. Os resultados obtidos através das entrevistas foram relevantes para se concluir que a participação do pedagogo dentro da equipe interdisciplinar de equoterapia é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo do praticante.

PALAVRAS CHAVE: equoterapia; capacitação; pedagogo; portadores de necessidades especiais.

INTRODUÇÃO

A equoterapia baseia-se em técnicas de equitação para auxiliar na recuperação motora e mental de pessoas portadoras de necessidades especiais.

De acordo com Severo (2010), o estudo das reações do corpo e da mente humanos em contato com equinos mostrou benefícios importantes para a recuperação de pessoas com hemiplegia (paralisia de metade do corpo), lesões na medula e paralisia cerebral, além de alergias diversas, asma e deficiências visuais. Mais que problemas de ordem física, o tratamento ainda auxilia pessoas com síndrome de Down, esclerose múltipla, autismo e transtornos do déficit de atenção.

Segundo Severo (2010), o programa de atuação do pedagogo na equoterapia surgiu na Alemanha, para crianças com perturbações de comportamento, baseando-se nas necessidades de cada indivíduo, sejam elas de ordem psicológica ou educacional.

Diante do trabalho desenvolvido na equoterapia, a maior dificuldade para a atuação do pedagogo é a sua falta de capacitação. Cabe destacar que, em geral, as políticas públicas na área de saúde e educação não refletem a importância do pedagogo, bem como da equoterapia, na melhoria das condições de saúde e aprendizagem de alunos com necessidades especiais.

Então, qual a relevância da capacitação do pedagogo na equoterapia e a devida inclusão dessa especificidade no curso de formação?

O presente trabalho tem como objetivos conhecer as técnicas utilizadas nos meios de aprendizagem da equoterapia em todos os aspectos, desde o emocional ao social dos alunos; identificar os procedimentos que possam trazer benefícios mais eficientes para o aprendizado,

aproveitando todos os espaços para o desenvolvimento do aluno e compreender as técnicas usadas nas atividades terapêuticas pedagógicas, que são adquiridas por meio do curso de formação na área da equoterapia.

É o caso, por exemplo, da Alemanha, onde existem 925 locais para a prática da terapia. Na França existem mais de 700 centros, na Bélgica mais de 300. No Brasil, existem 420 centros de equoterapia, já reconhecidos pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), que em Sessão Plenária no dia 9 de abril de 1997, aprovou o Parecer 06/97, reconhecendo os resultados obtidos com a utilização da equoterapia.

A Divisão de Ensino Especial da Secretaria de Educação do Distrito Federal também reconhece, calcada nas pesquisas realizadas pela ANDE-BRASIL, e após 11 (onze) anos de convênio, que a Equoterapia é um método educacional que favorece a alfabetização, socialização e o desenvolvimento global de alunos portadores de necessidades educativas especiais (WALTER,2013).

Mesmo com as dificuldades do aluno, o pedagogo deve tentar viabilizar suas potencialidades buscando superar seus desafios para que este não entre em processo de frustração. O pedagogo como terapeuta “é o educador, com ternura e alta empatia. O mediador, quem anima os diálogos, faz perguntas, desperta a curiosidade, organiza os exercícios, cultiva a escuta, ensina as palavras”. (DOS SANTOS apud. ANTÔNIO, 2008, p.27).

REFERENCIAL TEÓRICO: A PRÁTICA DA EQUOTERAPIA

A relação homem/cavalo para fins terapêuticos é muito antiga. Tanto Hipócrates do Loo (458-370 a.C.) como Galeno (130-199 d.C.), já aconselhavam os exercícios com cavalo como benefício para saúde do cavaleiro. Essa atividade tornou-se conhecida mundialmente como tratamento na recuperação e reeducação tanto motora como mental. O praticante da equoterapia tende a desenvolver melhor o equilíbrio, a coordenação, a respiração e a autoconfiança. Isso traz ao praticante um grande avanço no seu cognitivo, ajudando a desenvolver habilidades e atividades que antes não lhe seriam possíveis.

Severo (2010, *apud*. MERKURIALIS,1569), afirmou que “A equitação exercita não só o corpo, mas também os sentidos”. Nas décadas seguintes os médicos descreviam essa prática até para os soldados inválidos da guerra. Em 1950 os médicos britânicos formaram a Associação Britânica de Equitação Terapêutica (Riding for Disable Association - RDA). Na esfera universitária, a equoterapia começou a ser ministrada como matéria didática em Salpêtrière, em 1965, e na universidade de Paris Valde-Marne, em 1972.

Nos Estados Unidos, a equitação terapêutica (Ridingtherapy) para portadores de alguma deficiência se desenvolveu em diversos sentidos: como forma de recreação e como benefício terapêutico.

A Associação Americana de Equoterapia para deficientes (North American Riding for the Handicapped Association-Narha), criada por Linda McCorwan em 1969, reuniu os centros de equoterapia norte-americana e canadenses para atuar como entidade orientadoras e organizadoras dessas instituições. A associação desenvolve diretrizes científicas e de seguridade, promove cursos com certificados de especialização e orienta a criação de centros de equoterapia sob os mais altos padrões de qualidade.

No Brasil, a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil), localiza-se em Brasília/DF, e foi criada em 1989. A Associação funciona na Granja do Torto, onde promovem cursos e congressos internacionais. Hoje já existem mais de quatrocentos centros de equoterapia nos estados brasileiros.

O cavalo é utilizado com fins terapêuticos pelo seus rítmicos precisos e tridimensionais, pois ao caminhar se desloca para frente, para trás, para os lados e para cima e para baixo, permitindo ao cavaleiro estimulações sensoriais, já que é levado a acompanhar os movimentos do cavalo, tendo que manter o equilíbrio e a coordenação simultaneamente, movimentando todo o seu corpo.

A equoterapia é um tratamento no qual trabalham vários profissionais da área da saúde, como: fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo e terapeuta ocupacional. Já na área da Educação temos: professor de educação física, pedagogo e assistente social. Pode-se afirmar que é um tratamento bastante abrangente, pois nele cada profissional deve zelar e não medir esforços para alcançar o integral exercício ético e moral, maior prestígio e ótimo conceito da atividade. (SEVERO, 2010).

Severo (2010, *apud*. TISSOT, 1782), em sua obra “Ginástica Médica ou Cirúrgica ou experiência dos benefícios obtidos pelo movimento”, descreveu, pela primeira vez, as contraindicações da prática excessiva desse esporte. Para ele, existem três formas de movimento: ativa, passiva e ativo-passiva, que é típica da equitação. Ele ilustra os diferentes efeitos das várias andaduras, entre elas, o passo, considerando como a mais eficiente sob o ponto de vista terapêutico. Tissot também tratou dos efeitos dos movimentos equestres, sobre os benefícios trazidos pelos movimentos e efeitos positivos gerais da terapia.

Conforme Guimarães *apud* Severo (2010)

a chave para se entender os efeitos dos três componentes dos movimentos do cavalo ao passo é necessário compreender-se o valor deles sobre o cavaleiro. 1º) A aceleração/ desaceleração dos movimentos do cavalo influenciam inclinações anteriores e posteriores da pelve e do tronco do cavaleiro. Quando o cavalo realiza a fase acelerada do movimento do passo (levantando e movendo membro posterior para a frente), a pelve e o tronco do cavaleiro se deslocam, inclinando-se para trás e quando o cavalo firma o membro posterior no solo na fase de desaceleração, o cavaleiro inclina a pelve e o tronco para a frente. 2º) No momento em que o cavalo realiza um movimento de rotação da anca ao trocar os membros posteriores, o cavaleiro realiza um movimento de flexão lateral da pelve. 3º) O terceiro movimento componente do passo ocorre quando o cavalo realiza a fase de elevação e deslocamento para a frente

do membro posterior, o que provoca uma flexão do seu tronco. Este movimento produz rotação do tronco e da pelve do cavaleiro. (GUIMARÃES, 2010 apud. SEVERO, 2010)

Para Gavarini (1995, *apud* FREIRE, 1999, p.32), a equoterapia, dependendo da patologia, pode ser considerada uma terapia principal ou complementar, pois o praticante pode ter uma reabilitação global, uma vez que o indivíduo tem acesso a ajuda psicológica e psicossomática, assim como à fisioterapia sobre o cavalo.

Segundo o autor, “O cavalo, além de sua função cinesioterápica, produz importante participação no espaço psíquico, uma vez que o indivíduo usa o animal para desenvolver e modificar atitudes e comportamentos” (Gavarini *apud* FREIRE, 1999, p.32). Por isso, o autor denominou a equoterapia de “Reabilitação equestre (R.E)”, relatando que ela é utilizada na reeducação funcional das alterações, sejam físicas ou psíquicas, intervindo desde a infância, adolescência ou idade adulta.

Severo *apud* Gavarini (1995) afirma que são trabalhados, juntamente com a fisioterapia propriamente dita, ou seja, a parte motora, os aspectos sociais, orgânicos e afetivos, cumprindo dessa maneira os objetivos de reabilitação global e reintegração social, proporcionando ao indivíduo portador de necessidades especiais o reconhecimento de suas habilidades corporais

Ainda de acordo com o autor, a equoterapia favorece a reintegração social, o contato do indivíduo com outros pacientes, com a equipe e com o animal, aproximando-o dessa maneira, cada vez mais, da sociedade onde convive.

De Sousa, (2007, *apud* Stabdach,1985), ressalta a importância de contato com o cavalo, veículo motor que proporciona uma articulação de movimentos corretos e objetivo natural de alto encargo afetivo. É nessa relação com o cavalo que o indivíduo, em tratamento, encontra subsídio para a reeducação, reabilitação e educação, além de ser favorecida uma interação afetiva.

Nos estudos no campo da psicomotricidade, ressalta a influência que os movimentos ondulatórios do cavalo exercem sobre o desenvolvimento do esquema e imagem corporal, da organização espaço-temporal e da estruturação da fala e da linguagem.

Segundo Brito (2007, *apud*. Hubert, 1996), afirma que a equoterapia é uma terapia corporal que interessa ao indivíduo em todo o seu ser, com o objetivo de beneficiar os pacientes com uma autonomia motora e psicológica, permitindo-lhe adaptar-se sozinho às circunstâncias, descobrindo que o viver pode se dar pelo prazer e não somente pela repressão e sofrimento.

Além disso, é um esporte que tem cujo método terapêutico e educacional utiliza a interdisciplinaridade entre as áreas da saúde, educação e equitação viabilizando o desenvolvimento da saúde e das relações sociais do participante (MEDEIROS, 2002).

Ainda nesta perspectiva, Lermontov (2004) defende que a equoterapia promove o desenvolvimento motor, emocional e social de pessoas portadoras de necessidades especiais.

Em Saldanha (ANDE) a quantidade de movimentos que a equitação proporciona à região da coluna e da pélvis é maior que a advinda de qualquer outra atividade.

Além disso, ele lembra ainda que a relação cavaleiro/cavalo contribui – comprovadamente - para elevar a autoestima e sociabilidade dos praticantes de equitação. Todos esses estímulos refletem na coordenação motora e cognitiva, trazendo benefícios para o desenvolvimento do aprendizado cognitivo e intelectual, comprovando as inúmeras vantagens da equoterapia aplicada à educação, proporcionando ao praticante com dificuldade escolar a reestruturação e o desenvolvimento das fases motoras, da atenção e da percepção.

Para Boucherville (2007), o tratamento utilizando o cavalo é feito de forma lúdica, sendo assim oferece ao praticante possibilidades muito maiores do que o tratamento em consultórios. Segundo ela, por meio da equoterapia, as crianças com problemas de aprendizagem apresentam excelentes resultados, pois a prática eleva a autoestima, melhora a concentração e a postura dos pequenos praticantes em relação a atitudes.

Ainda de acordo com a autora, a novidade do “andar a cavalo” já é uma fonte de novas descobertas e as crianças sentem-se mais seguras quando constatam a capacidade de lidar com o animal com tudo que isto implica: afetividade, adquirir o controle, desenvolver a concentração.

Se na educação os benefícios da equoterapia são inúmeros, o mesmo ocorre com pessoas que buscam na terapia a solução para problemas psicológicos ou sociais. O vínculo cavalo/cavaleiro, estabelecido desde as primeiras sessões desenvolve a afetividade. Sem dúvida, a equoterapia aliada à pedagogia torna-se bem mais atraente para quem necessita de atendimento nestas áreas (BOUCHERVILLE, 2007).

Muitos ainda desconhecem os resultados obtidos com o método da equoterapia. Na APAE de São João Del-Rei, no ano de 2003, foram desenvolvidas atividades que se demonstraram comprovadoras de resultados benignos na área educacional, comprovando-se como um instrumento de valia para essa área (BRENTGANI, 2000).

Segundo Brentegani, o convívio com o animal e o controle gradativo do movimento tridimensional rítmico do andamento do cavalo, que imita a cadência do andar humano, proporcionam ao praticante o desenvolvimento de seu autoconhecimento e de sua segurança (BRENTGANI, 2000).

Para Gabriele Walter (2013), as diversas reportagens já abordaram a equoterapia no atendimento a crianças excepcionais, situação que é, entretanto, apenas umas das possibilidades válidas para essa terapia. Ela é recomendada na reabilitação nos âmbitos físico, mental, vocacional, de dependência química e em trabalhos pedagógicos. Ela afirma ainda que a equoterapia está relacionada a tudo que promove uma melhora na qualidade de vida.

Se os recursos pelo cavalo forem vistos como uma “prateleira de ingredientes”, logo se descobrem as possibilidades quase infinitas de composições programáticas, podendo-se trabalhar de forma totalmente individualizada, com as seguintes alternativas: Atividade Assistida por Equinos (AAE); Terapia Assistida por Equinos (TAE); hipoterapia: abordagem física, ocupacional ou fonoaudiológica que utiliza o movimento do cavalo; hipoterapia por tandem; horsemanship terapêutico; equitação terapêutica; volteio interativo; atrelagem terapêutica; competição; reabilitação vocacional; psicoterapia facilitada por equinos (PFE); saúde mental com facilitação equina (SMFE): atividade que inclui assistência facilitada por terapeuta habilitado em saúde mental. (WALTER,2013, p.8).

Em função de sua interdisciplinaridade, a equoterapia é sempre executada por uma equipe interdisciplinar, da qual participam fisioterapeuta, psicólogo, pedagogo, fonoaudiólogo, equitador. As funções da equipe são: Avaliar cada praticante antes do início do tratamento; estabelecer objetivos do tratamento para cada praticante e planejar as atividades a serem desenvolvidas; conduzir as sessões de equoterapia, seguindo o plano proposto; avaliar, periodicamente, o desenvolvimento de cada praticante, para eventual modificação no programa; zelar permanentemente pela segurança dos praticantes. (WALTER,2013, p.12).

A equoterapia tem, portanto, demonstrado grandes contribuições ao tratamento de pessoas portadoras de necessidades especiais. O periódico “Revista do Correio”, do Jornal Braziliense, de 20/03/2016, traz uma matéria a respeito do assunto, intitulada “A Ajuda vem a Cavalos”, trazem-se relatos de experiências benéficas com esse tratamento. Segundo a reportagem, “as mães comentam que, com uma, duas sessões, o comportamento é outro”, impressionando até mesmo os profissionais da área de educação.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem como referência epistemológica e metodológica a epistemologia qualitativa de González Rey (2005-b). O autor propõe a epistemologia qualitativa como uma forma de satisfazer as exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade como parte constitutiva do indivíduo e das suas diferentes formas de organização social. A subjetividade pressupõe superar um conjunto de dicotomias entre o social-individual, interno-externo, mente-corpo.

Sendo assim, a epistemologia qualitativa se apresenta como uma busca de produção de conhecimento em Psicologia, que pretende estudar a subjetividade humana acerca da sua realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica. (GONZÁLEZ REY, 2005-b).

A epistemologia qualitativa se apoia em três princípios metodológicos (González Rey, 2005-a): o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, compreensão da pesquisa como processo interativo e que o conhecimento não se legitima pela quantidade de sujeitos pesquisados.

González Rey (2005-b) define ainda o conhecimento como um processo construtivo-interpretativo, que não se caracteriza pela soma de fatos definidos por constatações imediatas no momento empírico, e sim como um processo em que o pesquisador integra, reconstrói e apresenta construções interpretativas. Nesses moldes, são enfatizados o conhecimento, como produção, e a pesquisa, como caráter processual.

Dessa maneira, mudam da lógica “da resposta” para a lógica “da construção”, que busca sair da linearidade de causa e efeito, a qual pode enquadrar o pedagogo dentro de limites fechados, para uma situação em que se possa permitir a participação dele dentro de um sistema conversacional, em que este se envolva em um processo dialógico e se expresse livremente. Por fim, a epistemologia qualitativa privilegia a significação do singular para a produção de conhecimento.

Desse modo, o sujeito é visto como único na sua constituição subjetiva e a legitimidade do conhecimento não estão na quantidade de pessoas estudadas e sim na qualidade de expressão de cada sujeito (GONZÁLEZ REY, 2006).

Para a realização deste trabalho, foram realizadas entrevistas com pedagogos da ANDE-BRASIL e do Regimento de Polícia Montada (RPMOM), em que se deu o desenvolvimento desta pesquisa, que foi orientada com o objetivo de promover o envolvimento de seus participantes.

Para González Rey, (2005-c), na criação do cenário de pesquisa, é importante que haja um estabelecimento gradual de um clima de confiança e comunicação. Essa questão foi observada e estabelecida pela pesquisadora.

Para a realização da pesquisa, foi utilizada a técnica da entrevista participativa, visando conhecer o universo do objeto pesquisado, assim como a construção subjetiva do mesmo.

ANÁLISE DE DADOS

A análise foi desenvolvida por meio de dados colhidos com pedagogos atuantes na ANDE-BRASIL e RPMOM, com experiência profissional variando entre nove e dezenove anos. A seguir apresentaremos a síntese das questões e das respostas que foram formuladas pelos profissionais e uma breve análise qualitativa.

Ao serem questionadas sobre a formação acadêmica para trabalhar com equoterapia, verificou-se que as pedagogas entrevistadas têm formação em Pedagogia, Educação Especial, Especialização Avançada em equoterapia.

Segundo a ANDE-BRASIL, o pedagogo deve fazer o curso de equoterapia, para poder integrar à equipe interdisciplinar que irá atuar na área de educação, seguindo as normas oficiais estabelecidas. Nos cursos ministrados pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL), todos os profissionais são capacitados para desenvolver atividades em cada etapa no trabalho de equoterapia.

Quanto à atuação na equoterapia, o pedagogo atua em uma equipe interdisciplinar, focando sempre na melhor forma de desenvolvimento pedagógico, atendendo às necessidades do praticante.

Durante o curso básico de equoterapia, cada profissional é capacitado para atuação dentro da sua especialidade, sendo que no caso do pedagogo suas atribuições são, principalmente, as seguintes: Desenvolver técnicas específicas para cada tipo de necessidade do aluno; compreender a importância da equoterapia no desenvolvimento cognitivo do aluno; conhecer os benefícios da equoterapia para interação social do aluno; buscar sempre a formação continuada para com o melhor aperfeiçoamento da equipe interdisciplinar, seguindo sempre as técnicas estabelecidas pela ANDE_BRASIL.

Das dificuldades encontradas na atuação pedagógica na equoterapia, foram citadas pelos entrevistados: Pouco apoio por parte da Secretaria de Estado de Educação; falta de profissionais que queiram atuar na área; ausência de mais centro de equoterapia; pouco investimento financeiro por parte dos órgãos responsáveis; divulgação insuficiente sobre os benefícios da equoterapia.

Constata-se aqui que, mesmo sendo considerada uma atividade milenar, a equoterapia tem sido uma atividade muito pouco divulgada no meio educacional brasileiro, ao contrário do que ocorre em outros países, que investem na formação acadêmica de seus profissionais na atividade.

Mesmo tendo seu reconhecimento oficial como atividade pedagógica pelo Conselho Federal de Fisioterapia e pela Secretaria de Estado de Educação, devido ao seu custo,

ainda não é oferecida pelo SUS. Atualmente tramita no Congresso Nacional um Projeto de Lei para a regulamentação da prática.

Também pôde-se evidenciar que, nos centros conveniados com o setor público, a equipe interdisciplinar possui sempre um pedagogo atuando. Contudo, nos centros particulares, é raro se encontrar um profissional da Pedagogia. Geralmente, nos centros particulares, quem atua no papel de pedagogo é um psicólogo ou um profissional de educação física.

Cabe destacar que a presença de um profissional da área de educação muda muito o enfoque dado à área educacional em um processo de equoterapia. O pedagogo participa decisivamente no planejamento das atividades, já que, por exemplo, na área lúdica o pedagogo tem, por formação, uma maior criatividade, possibilitando a implementação de atividades e ações durante todo o processo de equoterapia, isso valendo tanto para dentro como para fora do picadeiro.

Após inúmeras visitas a centros de equoterapia, observou-se que a equipe interdisciplinar atua sempre em conjunto. Em qualquer atividade, no mínimo três profissionais atuam conjuntamente, conforme a necessidade do praticante, e variando com o seu desempenho. Verificou-se que cada profissional pode auxiliar na prática de outro, visando sempre a melhor interação da equipe.

À questão se essa área de atuação do pedagogo deveria fazer parte de uma disciplina curricular qual deveria ser a abordagem, dentre as respostas, apurou-se que, em Brasília, a disciplina só é ministrada nos cursos de Fisioterapia, oferecidos na UNIPLAN e Universidade Católica. Contudo, é de extrema importância que também seja oferecida em outras áreas, como Pedagogia, Educação Física, entre outras. Isso permite que se criem outras oportunidades para profissionais dessas especialidades. Nos Centros se recebem estagiários, mas poucos oriundos de cursos de Pedagogia. A principal razão para este fato é que o curso tem um custo, que é arcado pelo próprio profissional, e, não tendo nenhum incentivo por parte da Secretaria de Estado de Educação, isso tem como consequência afastar o profissional deste tipo de capacitação. Cabe salientar que este ano a Universidade de Brasília (UnB) está oferecendo um curso de capacitação avançado nessa área, mas somente para quem já fez o curso básico.

A partir de 1965, em vários países, a equoterapia passou a fazer parte do currículo de algumas universidades, como na França e nos Estados Unidos, servindo como instrumento de potencialização educacional, visando a interação da Educação dentro e fora da sala de aula. No Brasil, porém, a divulgação desse tipo de especialização ainda é muito tímida, acarretando que o número de profissionais que buscam trabalhar fora das salas de aula ainda é muito pequeno. Mesmo tendo conhecimento dos benefícios gerados, as instituições públicas não

investem nesse tipo de qualificação profissional, e, por consequência, a divulgação de cursos ainda é muito incipiente.

CONCLUSÃO

A participação do Pedagogo em um processo de equoterapia teve início na Alemanha, envolvendo crianças com perturbação de comportamento. Em pouco tempo se percebeu que os benefícios eram significativos para os praticantes, se detectando a diferença entre os tratamentos prestados apenas em sala de aula e a realizada em centros de equoterapia.

Para atuar na equoterapia, o pedagogo necessita fazer um curso de capacitação nos centros de equitação, a fim de utilizar as técnicas da melhor forma no processo de aprendizado do aluno, tomando conhecimento do quanto a terapia é proveitosa para seu desenvolvimento cognitivo.

De posse das pesquisas empreendidas no âmbito da elaboração deste trabalho, e após analisar os resultados das entrevistas realizadas, é possível perceber, mesmo com todas as dificuldades detectadas, houve avanço da equoterapia como instrumento pedagógico. A prática da equoterapia resulta em benefícios significativos em curto e médio prazo, no que concerne à educação e reeducação dos seus praticantes, melhorando todo o desenvolvimento do indivíduo, desde o motor ao biopsicossocial, gerando ganhos educacionais de reabilitação e de socialização.

Mesmo diante das dificuldades ainda enfrentadas e ressaltadas neste trabalho, a equoterapia vem obtendo cada vez mais reconhecimento por parte do Conselho Regional de Medicina (CRM), do Conselho Federal de Fisioterapia e das Secretarias de Estado de Educação, entidades que já reconhecem o progresso que os praticantes da equoterapia demonstram já logo após as primeiras sessões realizadas.

A importância da equoterapia vem sendo cada vez mais reconhecida e, em alguns países, sua utilização vem crescendo a cada dia no tratamento das diversas doenças, chegando a algumas centenas de centros especializados.

Contudo, mesmo com os resultados satisfatórios verificados, ainda há muito o que ser feito neste campo de atuação pedagógica, principalmente no que diz respeito aos órgãos responsáveis pela formação continuada dos profissionais envolvidos com a Equoterapia, com destaque para os pedagogos.

Comprova-se que a equoterapia é uma área de atuação deveras importante, tanto para o praticante como também para o profissional que nela atua. No caso do profissional de Pedagogia, este tem diante de si um campo cheio de novas possibilidades, podendo, assim, alcançar excelentes resultados, considerando que o cavalo é um instrumento que possibilita infinitas alternativas pedagógicas.

Para que a equoterapia seja uma atividade de sucesso, exige de todos os seus integrantes - a equipe multidisciplinar envolvida, o praticante, bem como os familiares - paciência e interação no decorrer da realização das sessões. E sempre uma visão focada no praticante e no cavalo.

É uma prática que possibilita a integração do praticante com o profissional da Pedagogia e o cavalo, em um ambiente natural, em contato com o meio ambiente, com múltiplas possibilidades pedagógicas, fortalecendo a integração social do praticante e sua relação com a Natureza.

REFERÊNCIAS

Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL). **Apostila do Curso Básico de Equoterapia**. Agosto 2011.

BRENTEGANI, Thaís Rocha, **A equoterapia no ponto de vista do Psicólogo**.

BRITO, Maria Cristina Guimarães. **As contribuições da equoterapia na educação inclusiva**. Curso Normal, 2007.

DE BOUCHERVILLE, Gisele Cristina; PINTO, Vicente de Paula;. **O papel do pedagogo em uma equipe multidisciplinar de equoterapia**. Financiador CAPES. Juiz de Fora. 2007. Disponível em:
<<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/315.pdf>>.
Acesso em: 16 mai. 2016.

DE SOUSA, Sabrina Aguiar Martins. **A equoterapia como instrumento para o desenvolvimento das funções psicomotoras de crianças com paralisia cerebral**. Monografia do curso de licenciatura em educação física. Universidade do extremo Sul Catarinense. UNESC. 2007,47 p.

FOERSTNOW, Paulo Sérgio Bracarense. **A equoterapia como potencial na prática pedagógica**. Defesa em 2010. 76 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia – Universidade de Brasília/Faculdade de Educação. Brasília, 2010. Disponível em:
<<http://pt.scribd.com/doc/72289330/A-EDUCACAO-E-O-TRABALHO-INTERDISCIPLINAR-EM-EQUOTERAPIA-NA-VOZ-DE-SEUS-AUTORES-PEDAGOGOS-E-TERAPEUTAS#scribd>>_. Acesso em: 29 mar 2016.

GUIMARÃES, William Henrique. **Equitação Terapêutica em uma organização militar do exército brasileiro**: Condições legais para implantação. Ministério da Defesa; Exército Brasileiro. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://www.eseqex.ensino.eb.br/wp->

content/uploads/2013/04/EQUITAO-TERAPUTICA-EM-UMA-ORGANIZAO-MILITAR-DO-EXRCITO-BRASILEIRO-CONDIES-LEGAIS-PARA-IMPLANTAO-2.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2016.

LERMONTOV, Tatiane, A .**Psicomotricidade na Equoterapia**. 2004.

MEDEIROS, Mylena; DIAS, Emília. **Equoterapia: Bases e Fundamentos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

Revista do Correio Braziliense, Brasília, Domingo, 20 de março de 2016. Ano 11. Número 566, p,26 e 27.

REY, Fernando Gonzáles. **A pesquisa qualitativa no campo da saúde: o estudo dos aspectos sociais e subjetivos da saúde humana**. São Paulo; Thomson, 2005-a.

SEVERO, José Torquato. **Equitação, saúde e educação**. São Paulo, 2010.

WALTER, Gabriele Brigitte. **Equoterapia - Fundamentos Científicos**. São Paulo: Atheneu, 2013. 226 p.